



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
GABINETE DO REITOR
COMISSÃO DA VERDADE

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Entrevista realizada em: 7.6.2013

Hora: 14h30min.

Local: Sala de reuniões dos Colegiados Superiores

Entrevistados: Aldo da Fonseca Tinoco

Responsável pela transcrição: Thales Gomes de Lima e Yasmênia Evelyn Monteiro de Barros (bolsistas)

Carlos Gomes: Do dia 7 de junho, tendo hoje a visita ilustre de duas figuras notáveis aqui do Rio Grande do Norte, Dr. Aldo, Ivaldo Caetano, que vão nos ajudar a recuperar uma parte da história mal contada nesta Universidade. Inicialmente eu acho que todos receberam a cópia da ata, se não tiver nada a ser alterado eu considero aprovada. [Ruídos ao fundo]. Eu gostaria de pedir ao professor Almir que ele fosse o orientador da nossa participação no 37°.

Almir Bueno: Simpósio Nacional de História.

Carlos Gomes: Que é que a gente pode fazer, pra gente dividir tarefas.

Almir Bueno: Pronto.

Carlos Gomes: Estive hoje com a professora Margarida, certamente eu virei na data de abertura que eu acho que nós podemos, nós devemos privilegiar, o dia 25 eu virei, mas a gente divide porque o velhinho aqui já está cansado [risos] é reunião, reunião...

Almir Bueno: Aproveitando... posso dar um informe?

Carlos Gomes: Pode!

Almir Bueno: Essa semana, em Caicó, a gente ouviu o depoimento do professor Ribeiro, professor aposentado, atuou na ADURN. A gente está iniciando esses depoimentos que devem ainda se estender para o segundo semestre e a gente requisitou a pasta que Edilson deu um informe na semana passada, a pasta da ASI, está na minha sala, sob a minha guarda.

Carlos Gomes: Vamos trazer pra ver se tem alguma coisa que a gente possa.

Almir Bueno: Pronto, são mais fichas de informações sobre, na maioria estudantes, endereços, essas coisas, não tem assim nada de...

Carlos Gomes: Não tem nem uma indicação?

Almir Bueno: Nada, e parece mais com parecer.

Carlos Gomes: [inaudível].

Almir Bueno: E só mais uma coisa que eu queria falar pra reunião...

Carlos Gomes: Pois não! Pode ficar a vontade.

Almir Bueno: Surgiu, até agora, na hora do almoço, conversando com um funcionário da Universidade e por acaso, né, ele sabia que eu estava na Comissão da Verdade e falando da ASI, ele me disse, meio sem querer, ele me disse que trabalhou. A primeira função dele aqui na Universidade foi na ASI, em 70 e, em 1978, né, mas foi só 2, 3 meses, também só fazendo as fichas dos alunos, né, e aí eu pedi pra ele a possibilidade dele prestar depoimento aqui na comissão, mesmo um curto período de tempo talvez, eu achei interessante, só que ele declinou, né, não sei quais razões, ele declinou.

Carlos Gomes: Com certeza ele deve ter alguma coisa a dizer.

Almir Bueno: É, não sei, eu acho assim, que a gente não pode exigir que a pessoa deponha.

Carlos Gomes: Não é do nosso feitio, nós não vamos constranger como faziam, um convite, a intimação quem entregava era um soldado, né.

Almir Bueno: Eu posso tentar mais uma vez.

Carlos Gomes: Tenta até, eu aconselho o seguinte, se houver assim relutância de alguém, você mesmo escute com ele assim, mas venha cá, fica interessante. Tem um funcionário aí que a gente tenta e ele não quer porque pode prejudicar outro colega talvez, a gente pode ouvir, mesmo que sem trazer pra cá, porque pode criar certa inibição, mas não vamos deixar passar não.

Almir Bueno: Pronto, ele já disse, né, eu só fazia isso, não tinha, não tem nenhuma grande coisa.

Carlos Gomes: Não, mas é bom, é bom. É do pipoqueiro que hoje você identificou, né? Vamos marcar uma data pra ele.

[Inaudível]

Carlos Gomes: É, nós temos um rapaz que vendia pipoca por ai, vendia aqui, mas sabe muita coisa, hoje é funcionário da Universidade, vamos ouvir, né.

[Inaudível]

Carlos Gomes: Algum informe mais? Não se esqueçam que no dia 17 nós teremos, às 9 horas, na Biblioteca Zila Mamede, a palestra de Silvio, Silvio Mota, que é da Comissão da Verdade do estado do Ceará, eu gostaria que a gente comparecesse, prestigiasse. Então vamos dar início ao nosso trabalho de hoje. Kadma você tem uma folhinha, eu já gastei tudo que eu tinha de papel aqui eu já gastei, que as atas aqui são (prejudicado). Obrigado, uma está bom. A ordem da pauta foi inicialmente quem?

[Fala ao fundo]

Carlos Gomes: Professor Aldo Tinoco, Aldo da Fonseca Tinoco, professor aposentado da Universidade, a nossa missão aqui não é apurar toda a verdade do movimento, pertinente ao governo militar, é mais o que tiver de interessante, dentro ou ligado à Universidade, embora, se caso houver a necessidade, ou na narração houver algum depoimento interessante, que mesmo que não seja de maior valor para o nosso encargo, nós anotaremos e encaminharemos a quem interessar possa, as outras comissões que existem, certo. Então inicialmente a nossa pergunta, inicial e tudo, quanto à militância política e estudantil, mesmo antes do ingresso da Universidade, se houve, em seguida, o ingresso na Universidade e a participação no movimento estudantil, posteriormente, o senhor como professor, o ingresso na Universidade como professor e aí o senhor narra o que o senhor quiser, a respeito da repressão que tenha sofrido na Universidade, fique absolutamente à vontade. Tem a palavra, professor.

Aldo da Fonseca Tinoco: Vocês sabem que a memória é uma grande artista né, professor... [inaudível] o seu nome, é, que guarda só as passagens mais bonitas da vida, né, de modo que eu não devo ter muita coisa para dizer porque eu não vou fazer depoimentos de coisas muito feias. Veja, eu comecei a militância no partido comunista, quando estudante do Ceará, pelas mãos do médico Vulpiano Cavalcante, bom, depois vim para cá, me formei em odontologia, inicialmente, continuei a militância, ah... e me integrei aqui ao grupo da campanha “De pé no chão também se aprende a ler”, com Djalma Maranhão prefeito da capital, líder nacionalista. Então o partido foi para a ilegalidade e nós conseguíamos participar da luta na frente nacionalista, com Djalma Maranhão à frente, e então, é, como militante da frente nacionalista nós continuamos a participar como membros do partido comunista. Fui convidado a ser professor do colégio agrícola de Jundiá, e lá realmente eu me integrei, depois fui convidado para a Faculdade de Odontologia, então pleiteei e consegui um curso de especialização em saúde pública na Faculdade de Saúde Pública da USP e para lá eu fui enviado, ainda faltando uns três ou quatro meses para concluir, talvez menos, o golpe militar já havia se instalado, a repressão já estava em funcionamento e inclusive na Universidade eu fui chamado para depor numa comissão daqui da Universidade, convidado pelo professor Onofre Lopes. Quando eu terminei o depoimento, o grupo de policiais já foi me prender. O professor Onofre já protestou dizendo que eu não poderia ser preso porque ali eu estava sobre a custódia dele, mas que eu iria me apresentar no dia seguinte. Os policiais se retiraram, aí eu disse:

– Mas, reitor, eu ia fugir.

– Agora não, eu dei minha palavra.

Como eu era um homem muito honrado, um homem de bem, eu digo, olha eu vou cumprir a sua palavra mesmo sacrificando a minha liberdade. Bom, e fomos presos. Eu me apresentei na companhia de guarda da polícia militar. Cheguei lá eu já encontrei o Joel Batista de Andrade Bezerra, não sei se vocês lembram dele.

Carlos Gomes: Demais, meu amigo.

Aldo da Fonseca Tinoco: né, e...

Carlos Gomes: Na polícia.

Aldo da Fonseca Tinoco: Na Polícia Militar, da companhia de guarda da polícia militar, então depois nós fomos recolhidos ao hospital da polícia militar, aí tinha muito preso, aí tinha Mercia, que você falou há pouco, o outro é o que você falou que escreveu que começou em abril, o que você falou há pouco, o professor...

Carlos Gomes: Sim, Moacyr de Góis.

Aldo da Fonseca Tinoco: Moacyr de Góes, e outros mais, Bessa, Moacyr de Góes, João Batista ainda hoje vive com...

Carlos Gomes: Eu acho que Hélio Xavier também estava.

Aldo da Fonseca Tinoco: Ah... Hélio Xavier esteve lá, muito engraçado o Hélio. Bom, então, a partir daí, dos depoimentos conduzidos, aí eu fui recolhido à prisão do Exército, eu fui recolhido à prisão do 16/RI, né, então eu fui lá com o deputado Floriano Cavalcante.

Carlos Gomes: Floriano Bezerra.

Aldo da Fonseca Tinoco: Floriano Bezerra, que é de Macau, e depois de algum tempo fui retirado pela madrugada com Floriano, embarcamos num caminhão do Exército. Fomos levados ao aeroporto. Já no caminhão encontrei Djalma Maranhão, e Luiz Maranhão, fomos levados ao aeroporto e nós estávamos pensando que eles iam nos jogar ao mar, que já estavam atirando alguns, né, porque o Capitão Lacerda, o famigerado Capitão Lacerda estava lá. Aí Djalma: “não, aqui tem um General que eu conheço que eu acho que ele vai evitar que jogue a gente ao mar”. Então o avião adentrou em direção a Fernando de Noronha e lá ficamos em

Fernando de Noronha, eu já fui com *habeas corpus* do Superior Tribunal Militar, mas mesmo assim eles me levaram pra lá. Bom, você está solto na ilha, agora vai dormir no quartel, fazer refeições no quartel, então não tinha outro lugar pra ficar. Fiquei lá com o *habeas corpus* e tudo e quando o Geisel foi ver as situações dos presos políticos, trouxe para o continente a mim e o governador Arrais, mas a partir daí e de Recife e o Arrais chega e diz para o Coronel, aquele Coronel do começo, repressor, no comando da repressão do Recife Filipina, botou o dedo em riste e disse: “Olha, o Tinoco tem que estar em liberdade”, que soltavam e me prendiam novamente, né, mas me soltaram e eu não confiei muito na liberdade, fugi pro Rio de Janeiro, lá passei uma temporada até terminado os processos, né, eu vim aqui clandestinamente e assinei o livro de ponto no colégio de Jundiá e também na faculdade e mergulhei novamente na clandestinidade, essa coisa que a gente fazia pra não perder o emprego, né, até que nós fomos liberados. Ainda passei quatro anos em regime de prisão domiciliar, né, não podia sair pra congresso, mas com autorização do Exército, então...

Almir Bueno: Professor Aldo, só então de 1964 até 68.

Aldo da Fonseca Tinoco: É.

Almir Bueno: O senhor passou na prisão domiciliar?

Aldo da Fonseca Tinoco: Não na prisão, foi em 64, agora em prisão domiciliar foi até mais adiante. Djalma Maranhão... foi interessante o quartel do Exército de Fernando de Noronha no fim da tarde... Pra você ver, o comandante era um Major com curso em sociologia e maçom. Eu não sei se é porque eu era maçom, o fato é que ele nos tratava muito bem, viu, não houve tortura física lá de jeito nenhum. Quando nos reunimos no fim da tarde com os oficiais do Exército e passávamos a discutir política, então nós estávamos tentando catequizar os oficiais pra mostrar que a nossa luta era justa, enquanto nós combatíamos o imperialismo americano eles estavam defendendo o imperialismo americano e a colonização americana no nosso país. Aí disse: “não, mas se não for pros Estados Unidos vai pra Rússia”. “Não, não tem que ir pra Rússia, não temos que ir com o Brasil mesmo”. Mas era interessante esse diálogo, os oficiais participando, eu tenho a impressão que alguns modificaram até a posição deles. Bom então.

Carlos Gomes: Muito bem, uma pergunta que não é bem pertinente. O senhor disse que esteve, era professor da escola de Jundiá, o senhor tomou conhecimento que lá já foi um campo de concentração, chegou pesquisar alguma coisa.

Aldo da Fonseca Tinoco: Não, antes do golpe militar era uma colônia agrícola.

Carlos Gomes: É, mas descobriu-se que lá foi um...

Aldo da Fonseca Tinoco: No golpe militar?

Carlos Gomes: No Estado Novo.

Aldo da Fonseca Tinoco: [inaudível]

Carlos Gomes: Professor, me diga uma coisa, o senhor ingressou na Universidade. Quando estudante o senhor participou da diretoria de algum departamento?

Aldo da Fonseca Tinoco: Da União Estadual dos Estudantes do Ceará

Carlos Gomes: UEE do Ceará. Quando o senhor ingressou aqui na Universidade como estudante?

Aldo da Fonseca Tinoco: Não, eu...

Carlos Gomes: Não se formou aqui?

Aldo da Fonseca Tinoco: Não, eu não me formei aqui, me formei em Fortaleza.

Carlos Gomes: Foi em Fortaleza. O senhor ingressou na Universidade lá quando?

Aldo da Fonseca Tinoco: Olha a data...

Carlos Gomes: Se lembra quando terminou que a gente conta...

Aldo da Fonseca Tinoco: Hein?

Carlos Gomes: Terminou em qual ano, foi em qual turma?

Aldo da Fonseca Tinoco: Terminei em 70... Não em 57, 58 por aí...

Carlos Gomes: Muito bem, então o senhor, quando veio pra Universidade do Rio Grande do Norte, como professor?

Aldo da Fonseca Tinoco: Eu fui convidado pelo diretor do colégio agrícola de Jundiá professor Nilo Cavalcante de Albuquerque.

Carlos Gomes: Conheci muito. Morava bem pertinho de mim.

Aldo da Fonseca Tinoco: É, né... professor de Ciências até que um grupo da Faculdade de Odontologia me convidou.

Carlos Gomes: Se lembra do ano?

Aldo da Fonseca Tinoco: Também não me lembro do ano.

Carlos Gomes: Bom, mas se o senhor se formou de 57 pra 58 foi logo em seguida, né.

Aldo da Fonseca Tinoco: É.

Carlos Gomes: Foi nos idos de 59, 60.

Aldo da Fonseca Tinoco: Depois me formei também em Direito que eu era um agitador que queria conhecer...

Carlos Gomes: Aqui também?

Aldo da Fonseca Tinoco: Me formei em Alagoas.

Carlos Gomes: Ah, bacharel em Direito. Então teve um episódio que o meu curso de especialização foi interrompido, né, na USP... Quando terminaram os processos eu voltei pra concluir o curso de especialização e logo fiz o mestrado e então a USP me convidou pra dar aula lá. Aí eu digo: “olha, eu vou passar um ano porque aqui em PE, uma universidade pequena, a cidade pequena prendia um estudante. “Conhece o professor Aldo Tinoco?!”. Tinha que ser conhecido, quando eu ia fazer um discurso contra o imperialismo americano eu, Djalma Maranhão e (prejudicado) da campanha “De pé no chão...”, então eu era muito conhecido, eu digo: “é vou ver se passo aqui um ano pra turma me esquecer lá”. Quando veio o convite da USP pra cá do reitor da USP já foi pra três anos e o reitor daqui já foi logo me liberando, eu achei que queria se ver livre de mim.

Carlos Gomes: Era ainda Onofre?

Aldo da Fonseca Tinoco: Não, Onofre nada, Onofre foi depor a favor de um processo que segui aqui, eu acho que foi Domingos.

Almir Bueno: Aqui na Universidade o senhor foi professor quanto tempo? Mais ou menos? O senhor lembra?

Aldo da Fonseca Tinoco: Aqui uns seis anos ainda.

Almir Bueno: Da Odontologia?

Aldo da Fonseca Tinoco: Da Odontologia [inaudível] [...] e depois era funcionário de estado.

Carlos Gomes: O senhor chegou a sofrer maus-tratos?

Aldo da Fonseca Tinoco: Não. Maus-tratos físicos não.

Carlos Gomes: Só psicológicos.

Aldo da Fonseca Tinoco: Psicológicos, prisão, agora companheiro nosso chegar torturado, arrebitado aí...

Calos Gomes: Se lembra o nome deles?

Aldo da Fonseca Tinoco: É, por exemplo, o deputado Floriano Bezerra foi colocado num caixão apoiado na cabeça e nos pés, ficou é... o corpo reduzido a metade e assim ele ficou no caixão por algum tempo. O outro era Ivanilde Moreno, que foi muito espancado, depois um líder de Macau, um líder trabalhista também torturado, esse já na dependência do Exército.

Carlos Gomes: Isso na dependência do Exército, né, por que falavam muito na Aeronáutica e na Marinha.

Aldo da Fonseca Tinoco: É mais aí.

Calos Gomes: No Exército também.

Aldo da Fonseca Tinoco: Por conta do Capitão Lacerda.

Carlos Gomes: E o senhor teve algum encontro com o Lacerda?

Aldo da Fonseca Tinoco: Não.

Carlos Gomes: Não. O senhor ficou noutra local?

Aldo da Fonseca Tinoco: Não, era no mesmo local, eu não sei porque eu tinha um... eu era oficial da reserva do Exército, eu tinha um cunhado Coronel do Exército aqui na ativa e tinha um comandante do RO que era casado com uma prima minha. Eu acho que esse povo, embora não se manifestasse assim toda, deve ter influído, note que eu fui poupado.

Carlos Gomes: A própria Maçonaria deve ter. Nós temos testemunho de Ticiano que evitou a prisão de... Aquele menino que prestou aqui, Anchieta Jácome foi interferência de Ticiano Duarte. Muito bem, aqui na Universidade, no âmbito da Universidade, esse testemunho do senhor, olhe, tem sido muito valioso o testemunho que tem tomado porque pintavam um quadro meio, extremamente ou totalmente negativo de Dr. Onofre e o senhor já disse que ele foi sua testemunha.

Aldo da Fonseca Tinoco: Testemunha a meu favor.

Carlos Gomes: E que ele não permitiu que o senhor fosse...

Aldo da Fonseca Tinoco: Que eu fosse preso e lá da reitoria.

Carlos Gomes: Isso é uma coisa muito importante, uma coisa bastante interessante.

Aldo da Fonseca Tinoco: Já o Genário eu tenho as minhas dúvidas.

Carlos Gomes: É unanimidade até agora.

Aldo da Fonseca Tinoco: Porque Genário participou da campanha “De pé no chão” conosco e disse: “olhe eu vou pegar aqui os certificados porque eu não sei o dia de amanhã” [inaudível].

Carlos Gomes: Participou!

Aldo da Fonseca Tinoco: Mas na primeira oportunidade, eu estava lá como bolsista da CAPS por que eu voltei pro meu curso que tinha sido interrompido, né, voltei como bolsista da CAPS. Estava no banco do Brasil e chega Genário com uma moça muito amiga dele, professora também aqui. Não era a esposa de Genário, não, era uma colega de Universidade, mas que eles se queriam muito bem e então ele chegou e disse: “seu comunista, apontando o dedo pra mim, veja o que vocês fizeram em Natal com aquela campanha ‘De pé no chão’ e outros cursos. A demanda de alunos a Universidade é muito grande nós não temos condição

de atender a demanda”. Eu digo: “E você esta achando isso ruim?”. [risos]. Aí disse: “É por isso que surge um nazista e ninguém sabe por que. Taí! Ora, veja, um reitor, professor que tava com raiva porque tinha aluno querendo entrar na Universidade”.

Carlos Gomes: Justamente, é isso que a gente tem testemunhado de uma maneira [inaudível]. Fazer cultura, alfabetizar jovens e adultos ou participar de qualquer movimento social era o maior crime, Maria Laly contou coisas incríveis no filme, incríveis, chegou, botaram ela num avião, não sabia nem pra onde ia, chegou no Rio não conhecia ninguém, daqui a pouco botaram em outro avião na França, ela não conhecia ninguém, ela findou casando com um conde, teve sorte, mas... Muito bem, colegas, parece que vocês têm uma pergunta, essas meninas novas são estudantes bolsistas da Comissão da Verdade.

Aldo da Fonseca Tinoco: Eu tava achando estranho o predomínio das mulheres, aí eu disse até que o homem é um animal em extinção [risos].

Edilson Pedro Araújo da Silva: Professor, as perguntas que eu vou fazer aqui foram baseadas no programa “Memória viva”, que o senhor concedeu à TV universitária, em 13 de fevereiro de 2005. São alguns pontos que gostaria que o senhor esclarecesse, se o senhor se lembrar ainda porque faz alguns anos já. O senhor menciona que nos anos de 1960 e 1970 a UFRN marchava com o projeto nacionalista, que tipo de projeto era esse?

Aldo da Fonseca Tinoco: Olha, era se integrando a um grupo bem significativo na defesa da educação que é importante a campanha “De pé no chão”. A universidade colaborou com os professores e alunos dando desde a aula de educação como na área de saúde, então era uma forma de participar e outro na luta nacionalista contra o imperialismo americano. Você via setores, né, interessados nisso, embora tivesse também professores que denunciavam a gente.

Edilson Pedro Araújo da Silva: Certo, a segunda, o senhor disse: “o governo militar foi muito nocivo, isolou a universidade e ela não teve condição de sobreviver”. O senhor disse essas palavras no documentário.

Aldo da Fonseca Tinoco: Não sei se...

Edilson Pedro Araújo da Silva: No programa.

Aldo da Fonseca Tinoco: A universidade não teve condição de sobreviver, ela teve, está aí ela até hoje, está viva aí forte, né, embora tivesse alguns grupos que realmente que por (inaudível) não progrediram.

Edilson Pedro Araújo da Silva: E a última pergunta, o senhor menciona que certa vez estava na fila do banco do Brasil para receber o pagamento da bolsa da CAPS e na oportunidade estava também um ex-reitor e outra bolsista.

Carlos Gomes: É, Genário.

Edilson Pedro Araújo da Silva: O reitor se dirigiu ao senhor e disse: “Veja o que vocês, comunistas, fizeram com aquela campanha ‘De pé no chão também se aprende a ler’, determinou um impacto hoje. Estudantes querendo estudar na universidade me criando dificuldades para criar cursos para atender essa demanda”.

Carlos Gomes: É, ele acabou de responder.

Aldo da Fonseca Tinoco: É o professor Genário mesmo.

Almir Bueno: Só pra pegar o gancho de Edilson aí o período que o senhor ficou aqui na universidade corresponde às gestões do professor Onofre, Genário...

Carlos Gomes: Genário e Domingos.

Almir Bueno: Domingos, os três?

Aldo da Fonseca Tinoco: É, Genário foi depois de Domingos não?

Almir Bueno: Não, foi antes.

Carlos Gomes: Genário foi o segundo, Domingos foi o terceiro.

Aldo da Fonseca Tinoco: Genário e Domingos.

Almir Bueno: O de... o do professor

Aldo da Fonseca Tinoco: Onofre, Genário e Domingos.

Carlos Gomes: Onofre, Genário e Domingos.

Almir Bueno: O do professor Diógenes o senhor já não estava mais?

Aldo da Fonseca Tinoco: Não.

Almir Bueno: Em relação a esses três, é... as três gestões o senhor teria assim é... algum fato marcante que poderia mencionar, lembrar em relação a possíveis violações dos direitos humanos.

Aldo da Fonseca Tinoco: É, nós tivemos um professor na própria Faculdade de Odontologia que fui vítima de uma delação, viu.

Carlos Gomes: Na gestão desse caso era Genário? O reitor? Reitor Genário?

[Inaudível]

Carlos Gomes: Alguma coisa com Domingos?

Aldo da Fonseca Tinoco: Não.

Carlos Gomes: Teve alguma averiguação...

Aldo da Fonseca Tinoco: Não, quando o reitor, acho que foi ele o reitor que liberou, atendendo o reitor da USP. Ele fez um comentário a você que tem muito prestígio lá, eu acho que não é prestígio não, prestígio eu tenho aqui, junto de você, que estão me liberando porque querem se ver livre de mim.

[Risos]

Carlos Gomes: Muito bom.

Mayane Ranice Costa da Rocha: Professor? Mais uma vez boa tarde. O senhor falou que em 64, se não me engano, o senhor foi chamado para prestar um depoimento para o reitor Onofre Lopes, né?

Aldo da Fonseca Tinoco: Foi.

Mayane Ranice Costa da Rocha: Uma comissão de inquérito.

Aldo da Fonseca Tinoco: Não, uma comissão da universidade.

Mayane Ranice Costa da Rocha: sim, mas foi.

Aldo da Fonseca Tinoco: Pelo professor.

Mayane Ranice Costa da Rocha: Pelo professor Onofre.

Aldo da Fonseca Tinoco: Que era o reitor, foi lá no gabinete da reitoria.

Mayane Ranice Costa da Rocha: Mas pra prestar um depoimento, alguma coisa.

Aldo da Fonseca Tinoco: Como?

Mayane Ranice Costa da Rocha: Mas pra prestar um depoimento.

Aldo da Fonseca Tinoco: Um depoimento.

Mayane Ranice Costa da Rocha: Sobre o que? Assim sobre...

Aldo da Fonseca Tinoco: Sobre a ditadura e a minha posição como um agitador.

Mayane Ranice Costa da Rocha: Aí a pergunta que me vem é assim, qual era a postura do reitor Onofre Lopes, quais foram as perguntas?

Carlos Gomes: Mas não era Onofre que dirigia as perguntas?

Aldo da Fonseca Tinoco: Não.

Carlos Gomes: Não, era uma comissão.

Mayane Ranice Costa da Rocha: Sim uma comissão, mas o professor Onofre estava na hora? Porque o senhor falou que...

Aldo da Fonseca Tinoco: Não, ele estava no gabinete. A comissão se reunia ao lado.

Conceição Fraga: Constituída por quem?

Mayane Ranice Costa da Rocha: É isso.

Aldo da Fonseca Tinoco: Eu não acho que Genário fazia parte... Eu não me lembro... tinha uns policiaes de Recife, que eu me lembre.

Conceição Fraga: [inaudível]

Aldo da Fonseca Tinoco: Não, porque os policiais de Recife eles tava em qualquer lugar.

Almir Bueno: Comissão Veras.

Aldo da Fonseca Tinoco: É, comissão...

Carlos Gomes: Deve ser Comissão Veras. Agora o senhor disse que o professor Onofre foi sua testemunha nesse inquérito?

Aldo da Fonseca Tinoco: No inquérito que logo em seguida foi movido o inquérito policial [inaudível].

Carlos Gomes: Policial.

Aldo da Fonseca Tinoco: E Onofre foi minha testemunha de defesa, depôs ao meu favor.

Carlos Gomes: Muito bem.

Aldo da Fonseca Tinoco: E não deixou que os policiais, com Veras a frente, me levassem logo no término do meu depoimento, porque disse: “não Tinoco veio aqui a convite meu pra depor deixe que amanhã ele se apresenta”.

Carlos Gomes: Professor Spinelli.

José Antônio Spinelli: Boa tarde, eu quero expressar minha satisfação de estar recebendo duas figuras importantes da história política do Rio Grande do Norte. Eu queria lhe dizer, Dr. Aldo Tinoco, eu encontrei, certamente esse episódio o senhor já esqueceu, eu encontrei com o senhor em 1992, acho que na rua Oscar Freire, eu estava lá fazendo doutorado na USP o senhor era professor, se eu não me engano, da Faculdade de Saúde Pública. Encontrei o senhor na rua reconheci, abordei, chagamos a conversar, ter uma conversa. Eu era colega de sua filha Eleonora Tinoco aqui no departamento de Ciências Sociais da UFRN e tinha referências suas, não apenas dela, mas da própria história política do estado e, portanto, é com muita satisfação que aproveito essa oportunidade inclusive pra lhe fazer algumas perguntas. Não ficou claro pra mim quanto a esse depoimento que o senhor prestou, que comissão era essa, era uma comissão interna da Universidade presidida pelo reitor ou era uma comissão externa e o reitor lá compareceu?

Aldo da Fonseca Tinoco: Essa comissão era externa, pelo o que eu entendi.

José Antônio Spinelli: Era externa.

Aldo da Fonseca Tinoco: Pelo governo do Rio Grande do Norte.

José Antônio Spinelli: Sim.

Aldo da Fonseca Tinoco: Que designou essa comissão.

José Antônio Spinelli: Então foi a Comissão Veras. O inquérito.

Carlos Gomes: Mas houve também uma interna que ele foi chamado.

José Antônio Spinelli: Houve uma interna?

Carlos Gomes: Houve uma interna. Do inquérito da Universidade.

José Antônio Spinelli: Assim, essa interna, quem era que presidia essa comissão? Havia a presença da ASI nessa comissão interna ou em outra ocasião o senhor teve conhecimento da ASI? Da atuação da ASI? Assessoria de Segurança Interna.

Aldo da Fonseca Tinoco: Não, não tive conhecimento não.

Carlos Gomes: Era o Adriel Lopes Cardoso, foi Zacheu Luiz dos Santos, uma vez, uma parte.

Aldo da Fonseca Tinoco: Qual foi?

Carlos Gomes: Zacheu Luiz dos Santos.

Aldo da Fonseca Tinoco: Sim, Zacheu.

Carlos Gomes: Ele chegou a ser no tempo de Genário, o Adriel que passou mais tempo, Adriel Lopes Cardoso.

Aldo da Fonseca Tinoco: É o Zacheu, soube que eles pertenceram a essa comissão.

Carlos Gomes: Humhum...

Aldo da Fonseca Tinoco: Mas eu não fui ouvido por nenhum deles, mas sabia.

José Antônio Spinelli: Outra questão que eu queria... uma pergunta que eu queria lhe fazer, o senhor foi deputado estadual.

Aldo da Fonseca Tinoco: Fui suplente e assumi a assembleia por muito tempo.

José Antônio Spinelli: Por qual partido e qual período?

Aldo da Fonseca Tinoco: Veja, quando o partido comunista foi para a ilegalidade eu não podia me candidatar pelo partido comunista.

José Antônio Spinelli: Certo.

Aldo da Fonseca Tinoco: Então eu me filiei ao Partido Progressista de Café Filho.

José Antônio Spinelli: Sim.

Aldo da Fonseca Tinoco: E foi por esse partido, salve engano PTB, que eu me recordo eu me candidatei, viu...

José Antônio Spinelli: Sim.

Aldo da Fonseca Tinoco: Viu, e também pra federá-la e fiz na segunda suplência assumi a câmara e depois com [inaudível].

José Antônio Spinelli: O senhor recorda em que período isso aconteceu? Quando é que o senhor foi candidato e...

Aldo da Fonseca Tinoco: 68, 69.

José Antônio Spinelli: Já depois do golpe militar.

Aldo da Fonseca Tinoco: Depois do golpe militar.

José Antônio Spinelli: Da ditadura. O senhor chegou a ser cassado?

Aldo da Fonseca Tinoco: Não, porque eu não tinha mandato nessa época.

José Antônio Spinelli: Ah, sim.

Aldo da Fonseca Tinoco: Foi mandado, foi... Não, aí eu era suplente, foi encaminhando um pedido de cassação, mas aí ia quem era um companheiro meu, era... era de cassação, Grimaldo Ribeiro.

José Antônio Spinelli: Grimaldo Ribeiro...

Aldo da Fonseca Tinoco: E o... Não sei qual foi o General mandou excluir Grimaldo e eu entrei também de gaiato ali junto porque... [risos] viu, aí eu sobrevivi aí.

José Antônio Spinelli: Terminou se livrando. Então o senhor tinha militância no PCB? Partido Comunista Brasileiro.

Aldo da Fonseca Tinoco: É.

José Antônio Spinelli: Ok. Bom, aí extrapola a Universidade, questão do PCB no Rio Grande do Norte, como se deu essa perseguição, mas se o senhor quiser falar sobre isso...

Carlos Gomes: Sobre o PCB.

Aldo da Fonseca Tinoco: Não, o PCB era um partido muito forte né?! Era um partido que tomava decisões, essas decisões eram cumpridas [inaudível] Era o partido que combatia o imperialismo americano, era o que os oficiais diziam, mas vai ficar dependendo da Rússia, não era porque a política, ainda hoje você vê o imperialismo americano causando aí, criam pelo mundo inteiro matando populações inteiras, né, querem se apossar do petróleo e de outras riquezas então era uma posição nossa muito correta, combater o imperialismo americano, então nós nos sentíamos confortáveis por essa posição mesmo arcando as responsabilidades do que podia acontecer a cabo de nós né, viu.

Carlos Gomes: Pois não, professor Almir.

Almir Bueno: Não, também dando continuidade um pouco do que o professor Spinelli está dizendo aí, é quando PCB é... foi colocado na clandestinidade aí para o efeito da... eleitoral aí o senhor se filiou a...

Aldo da Fonseca Tinoco: Partido Progressista, [inaudível] PTB.

Almir Bueno: Mas continuou militando no PCB, evidentemente, né. Certo, e aí assim, só pra registro também já foi falado eu acho que não ficou assim muito definido, em relação à Assessoria de Segurança e Informações da Universidade, aqui na Universidade o senhor tem algo a... uma informação.

Aldo da Fonseca Tinoco: Não.

Almir Bueno: Não tem?! Nenhuma informação?

Aldo da Fonseca Tinoco: Não tive.

[inaudível]

Aldo da Fonseca Tinoco: Já que eu ia fugir.

Carlos Gomes: Aliás, ele fez isso como outros também porque me parece que o professor Onofre acreditava que a coisa não era pra prenderem, então esperava; Se ele se apresentasse pelo menos nos outros depoimentos as coisas funcionavam assim, então quando... não, ele vai se apresentar, mas quando as pessoas se apresentavam eram presas. Não... houve depoimentos aqui no mesmo sistema. Eram os mesmos sistemas. É, alguma pergunta mais, jovens? Pois não, Juan. Não, pode ler, não se incomoda não. Sim, sim a ficha do senhor [risos].

Almir Bueno: CPF.

Carlos Gomes: CPF da ficha.

Aldo da Fonseca Tinoco: Ô, eu fui fichado várias vezes.

Carlos Gomes: Assinou o manifesto de apoio no registro do Partido Comunista Brasileiro, óbvio, né.

Aldo da Fonseca Tinoco: Claro.

Carlos Gomes: Foi citado no IPM que apurou atividades ilícitas, desvio de armamento e munição pertencentes às forças armadas auxiliar.

Aldo da Fonseca Tinoco: Me acusaram, né.

Carlos Gomes: Acusação. Líder do setor da subversão com morador em reuniões de projeção onde se encontravam elementos expoentes da esquerda defendeu os mesmos pontos de vistas dos comunistas pregando as reformas de base na marra.

Aldo da Fonseca Tinoco: É, realmente acontecia isso.

Almir Bueno: [inaudível]

[risos]

Aldo da Fonseca Tinoco: [inaudível].

Carlos Gomes: Isso aqui o senhor leve como lembrança.

Aldo da Fonseca Tinoco: Muito obrigado [risos].

Almir Bueno: É um elogio, né.

Carlos Gomes: Confirmou oficialmente o que ele nos passou. Isso aqui é um livro que foi lançado aí ó, *Subversão no Rio Grande do Norte: o relatório Veras*, a memória popular é de Roberto Monte.

Aldo da Fonseca Tinoco: Acho que eu comprei esse livro, é de Monte né?

Carlos Gomes: De Monte. Ele tem. Ele disse que tem, Ângela.

Aldo da Fonseca Tinoco: Eu tenho esse livro.

Carlos Gomes: Nenhuma pergunta mais? Pois não, professora Conceição.

Conceição Fraga: [inaudível] Eu queria dizer do privilégio e da honra de ter ouvido o senhor ainda que pouco porque eu cheguei atrasada. Já ouvi assim como o professor Spinelli, professor Almir e outros que estudam o período, depoimentos, e digo a honra e o privilégio porque nós estamos em um momento de muita dificuldade na convicção, na clareza das pessoas públicas, então nessa pobreza que se vive hoje é alentador ouvir um depoimento como o do senhor.

Aldo da Fonseca Tinoco: Muito obrigado.

Carlos Gomes: Professor, o senhor tem a palavra para qualquer consideração que queira falar, inclusive pelo o que o senhor acha desse movimento de tentativa de resgate da verdade histórica que tem acontecido no Brasil e agora na Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Aldo da Fonseca Tinoco: É um fato importante, né, porque as gerações que vêm por aí precisam conhecer a Universidade por dentro e por fora, então a Universidade que defendia, sai integração junto com o povo, marchando à frente do povo e não a reboque.

Carlos Gomes: Professor, a nossa comissão teve muita honra em recebê-lo e agradece penhoradamente a sua disposição de vir colaborar com aquilo que nós buscamos, fazer alguns

reparos na história da Universidade e esteja certo que nós ficamos gratos de tudo o que o senhor disse que foi gravado e filmado será devidamente registrado no nosso relatório, certo? Então muito obrigado. Se o senhor quiser permanecer na reunião será uma honra pra nós.

Aldo da Fonseca Tinoco: Eu espero que o que eu falei tenha sido agradado e o depoimento da policia que ele trouxe colaborou com isso aí, viu... eu to muito contente se o depoimento serviu pra alguma coisa. Eu estou muito feliz porque mesmo afastado das lutas, né, vocês se lembraram e ainda estão dando uma colaboração, né, então, professor, eu que me sinto honrado e agradecido.

Carlos Gomes: Não sei se o senhor se lembra, mas o senhor trabalhou comigo na campanha, eu acho que do seu filho Aldo, que foi o coordenador do setor jurídico, o senhor se lembra?

Aldo da Fonseca Tinoco: Ah, sim!

Carlos Gomes: Trabalhamos ainda na advocacia.

Aldo da Fonseca Tinoco: Muito bem.

Carlos Gomes: Muito bem.